



Universidade da Amazônia

Leonce e Lena

de George Büchner



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Leonce e Lena

de George Büchner

(uma comédia)

Personagens:

Rei Perter, do Reino Popo
Príncipe Leonce, seu filho, noivo da
Princesa Lena, do Reino Pipi
Valério
A Governanta
O Mordomo-Mor
O Mestre de Cerimônias
O Presidente do Conselho De Estado
O Predicador da Corte
O Conselheiro Provincial
O Mestre Escola
Roseta
Dois Funcionários da Polícia
Criados. Conselheiros de listado. Camponeses.

ATO I

"Oh, fosse eu bufão!
Meu orgulho está num casaco colorido".

COMO GOSTAIS

Cena I

UM JARDIM

(Leonce (meio estirado sobre um banco). O Mordomo-mor.)

Leonce— Que desejais de mim, meu Senhor? Preparar-me para minha profissão ? Estou com as mãos cheias de serviço, não sei como terminar tanto trabalho. Vede, primeiramente tenho de cuspir sobre esta pedra, trezentas e sessenta e cinco vezes em seguida. Já provastes fazê-lo? Fazei-o. Consiste num entretenimento bem peculiar. E depois... Estais vendo esta mão cheia de arcia? (Toma areia, joga-a para o alto e depois apara-a com as costas da mão.) E agora lanço-a no ar. Quereis apostar? Quantos grãosinhos tenho agora nas costas da mão? Número par, ou ímpar? Como? Não quereis apostar? Sois pagão? Acretidais em Deus? Normalmente aposto comigo mesmo. Sou capaz de passar dias fazendo isso. Se encontrásseis alguém que às vezes se dispusesse a apostar comigo, eu vos ficaria muito grato. Depois... Tenho de pensar em como seria possível olhar para minha própria cabeça. Oh, se alguém puder um dia olhar sua própria cabeça! Este é um dos meus ideais. Eu ficaria feliz. E depois... E depois ainda há muita coisa semelhante. Sou ocioso ? Não tenho ocupação agora? Sim, é triste ...

Mordomo-Mor — Muito triste, Alteza.

Leonce — As nuvens passando de oeste para leste, há três semanas já... Isso me deixa profundamente melancólico.

Mordomo-Mor — Melancolia bem fundamentada.

Leonce—Homem, por que não me contradizeis? Tendes negócios urgentes para tratar, não é mesmo? Sinto ter-vos detido tanto tempo. (O Mordomo-mor afasta-se com uma profunda vênha.) Meu Senhor, congratulo-vos pelos belos parênteses formados por vossas pernas, quando vos curvais.

Leonce (Só, estica-se sobre o banco.) — Como as abelhas estão preguiçosas sobre as flores e os raios do sol indolentes sobre o chão! Grassa uma ociosidade medonha. A ociosidade é o início de todos os males. O que as pessoas fazem por causa do tédio! Estudam pelo tédio rezam pelo tédio, apaixonam-se, casam-se, multiplicam-se pelo tédio e finalmente morrem de tédio e—aí está a graça— tudo isso com os rostos mais compenetrados, sem saber porquê e pensando que Deus sabe. Todos êsses heróis, êsses gênios, êsses tolos, êsses santos, êsses pecadores, êsses pais de família, no fundo nada mais são do que refinados ociosos. Por que logo eu teria de saber isso? Por que não posso tornar-me importante diante de mim mesmo, vestindo um fraque no pobre boneco, colocando-lhe um guarda-chuva no braço, para que ele se torne muito direito, muito útil, muito moralista? Por que logo eu teria de saber disso? Sou um miserável gozador. Por que não sou capaz de apresentar minha pilhéria com uma cara séria? Esse homem que há pouco estava diante de mim: eu o invejo , eu gostaria de surrá-lo de inveja. Oh, se alguém alguma vez pudesse ser outro! Só um minuto. (Valério, algo bêbedo, entra.) Como corre o homem! Se eu ainda soubesse de alguma coisa sob o sol que pudesse fazer-me correr!

Valério — (Posta-se bem perto do Príncipe, põe um dedo no nariz e olha-o fixamente.)—É

Leonce (Do mesmo modo.) —Certo!

Valério—Me haveis compreendido?

Leonce—Inteiraente.

Valério — Então, falemos de outra coisa, agora. Enquanto isso deitar-me-ei na grama para deixar que meu nariz floresça por sobre os talos, a fim de perceber emoções românticas quando as abelhas e as borboletas pousarem sobre ele, como numa rosa.

Leonce — Alas, meu caro, não afagueis assim, ou as abelhas e as borboletas sucumbirão de fome graças às descomunais prises que extraís das flores.

Valério —Oh, Senhor, que sentimento tenho pela natureza! A grama está tão linda que dá vontade de ser boi para comê-la, para depois voltar a ser homem c comer o boi que comeu esta grama.

Leonce — Infeliz, tu também trabalhas com os ideais.

Valério—Oh, Deus! Há oito dias já corro atrás de um ideal de carne de vitela, sem encontrar sua realidade onde quer que esteja. (Senta-se no chão.) Vede estas formigas, criancinhas queridas. É maravilhoso o instinto que há nessas criaturinhas, de ordem, de laboriosidade. Senhor, há três modos de ganharmos nosso dinheiro humanamente: achando' por sorteio na loteria, herdando ou, senão, roubando no nome do Senhor, desde que se tenha a habilidade de não sofrer remorsos.

Leonce — Com êsses princípios tu te tornastes bastante velho, sem morrer de fome ou na forca.

Valério—Sim, meu Senhor, e posso afirmar-vos o seguinte: quem ganha seu dinheiro de outra maneira, é um patife.

Leonce—Pois quem trabalha é um suicida sutil, e um suicida é um criminoso, e um criminoso é um patife. Logo quem trabalha, é um patife.

Valério—É.... E ainda assim as formigas são insetos bastante úteis; e mesmo assim, por outro lado, não são tão úteis quanto seriam se não fizessem qualquer dano. E lamentável! Não se pode saltar de uma torre sem quebrar o pescoço. Não se pode comer quatro libras de cerejas, Junto com os caroços, sem ficar com dor de barriga. Vede, Senhor, eu seria capaz de sentar-me num canto e cantar da noite até o dia: "Ei, tem uma mosca no muro! Mosca no muro! Mosca no muro!", e assim por diante, até o fim de minha vida.

Leonce—Cala a boca e tua canção. É da gente ficar louco.

Valério — E então a gente seria alguma coisa. Um louco. Um louco! Quem quer trocar sua loucura por minha sanidade" Ha, sou Alexandre, o grande! Como o sol brilha como coroa nos meus cabelos, como brilha meu uniforme! Senhor Generalíssimo Cavalheiro de Capim, fazei aproximarem-se as tropas! Senhor Ministro das Finanças Aranha Cruzada, preciso de dinheiro! Cara Camareira Libélula, como vai minha querida esposa Talo de Feijão? Oh, estimável Senhor Médico Pessoal Cantariada, preocupo-me por um herdeiro. E, graças a essas fantasias, dão-nos boa sopa, boa carne, bom pão, uma cama boa e o corte de cabelo gratuito — isto é, no hospício. Enquanto isso eu, com minha mente saudável, poderia almejar no máximo a em. preitada de constatar a madureza de uma cerejeira para... E então?... Para?

Leonce—Para enrubescer as cerejas, com os furos de tuas calças! Mas, meu precioso, e teu ofício, tua profissão, tua habilidade, tua posição, tua arte?

Valério (Com dignidade.) — Senhor, tenho a grande ocupação de andar ocioso; a capacidade descomunal de nada fazer; possuo uma enorme perseverança na preguiça. Nenhum calo envergonha minhas mãos, o chão jamais sorveu uma gota de suor de minha fronte, ainda sou virgem no trabalho. E se não fosse trabalho demais, eu me daria ao trabalho de narrar-vos mais detalhadamente êsses méritos.

Leonce (Com entusiasmo cômico.) — Vem aos meus braços! Es um desses seres divinos que, sem esforços a testa limpa de suor e de poeira, perambulam pela estrada real da vida, pisando com as plantas dos pés brilhantes e os corpos fluorescentes como os deuses do Olimpo! Vem! Vem!

Valério (Canta enquanto saem.)—Ei, tem uma mosca no muro! Mosca no muro! Mosca no muro!

(Os dois saem, abraçados.)

Cena II

UMA SALA

(O Rei Peter veste-se, ajudado por dois Camareiros.)

Peter (Enquanto se veste.) —O homem deve pensar, e eu devo pensar pelos meus súditos; pois que eles não pensam, não pensam. A substância é o em si, e isto sou eu. (Quase nu, anda pelo quarto.) Entendido? Em-si é em si, estão entendendo? E agora há os meus atributos, modificações, afeições e acidentes: onde está minha camisa minha calça, Chega, que feio! O livre arbítrio está aí em frente, bem à vista. Onde está a moral: onde estão as abotoaduras ? As categorias estão na mais lastimável desordem: há dois botões abotoados a mais, a caixinha está no bolso direito; todo meu sistema está arruinado. Ha, o que significa o nó no lenço? Homem,

o que significa o nó? Do que foi que eu queria me lembrar?

1º Camareiro — Quando Vossa Majestade atou esse nó em seu lenço desejava...

Rei—E então?

1º Camareiro— Desejava lembrar-se de alguma coisa.

Perter—Uma resposta complicada! Hei, e então, o que quer dizer?

2º Camareiro—Vossa Majestade queria lembrar-se de alguma coisa, quando atou esse nó em seu lenço.

Perter (Caminha de um lado para o outro.) —O quê? O quê? As pessoas me confundem estou na mais profunda confusão. Já não consigo decidir-me.

Criado—Majestade, o Conselho de Estado está reunido.

Perter (Alegre.)—E, c isso, é isso: eu queria lembrar-me de meu povo. Vamos, meus senhores. Andai simetricamente. Não está quente? Pois tomai vossos lenços e enxugai os rostos. Fico sempre tão preocupado quando tenho de falar em público.

(Todos saem.)

(Rei Peter. Conselho de Estado.)

Perter —Meu amados e fiéis súditos: desejo comunicar-vos e declarar-vos agora. comunicar-vos e declarar-vos,,, pois, ou meu filho se casa, ou não se casa, . . (Põe o dedo no nariz.) ou... ou... Estais compreendendo, pois não? Não há uma terceira possibilidade. O homem deve pensar. (Fica algum tempo refletindo.) Quando falo assim alto, não se; quem é que está falando, eu ou um outro. Isto me dá medo. (Depois de longa reflexão.) Eu sou eu... Que pensais a respeito, Presidente?

Presidente (Com, lenta gravidade) —Majestade, talvez seja assim, talvez não seja.

Todo o Conselho, em Coro—Sim, talvez seja assim talvez não seja.

Perter (Emocionado.)—Oh. meus sábios! Mas então, do que é que estávamos falando? De que deveria eu falar? Presidente, que memória curta tendes em ocasião tão festiva! A sessão está encerrada. (Afasta-se solenemente, todo o conselho o segue.)

Cena III

UM SALÃO RICAMENTE DECORADO. HÁ VELAS ACESAS.

(Leonce e alguns criados.)

Leonce — Todas as janelas estão fechadas? Acendei as velas! Para fora com o dia! Quero a noite, uma profunda noite ambrosiana. Colocai as lâmpadas debaixo dos sinos de cristal que estão entre os loureiros, para que apareçam sonhadores sob as sobranceiras das folhas como olhos de meninas. Chegai para perto as rosas e que o vinho fique borbulhando nas tacas como o orvalho. Música! Onde estão os violinos ? Onde está Rosetta ? Para fora. Ide embora, todos!

(Os criados saem. Leonce estira-se sobre um sofá. Rosetta entra, graciosamente vestida. Ouve-se música à distancia.)

Roseta (Aproxima-se, lisonjeira.) — Leonce!

Leonce -- Rosetta!

Roseta—Leonce!

Leonce—Rosetta!

Roseta—Teus lábios estão preguiçosos. De beijar?

Leonce — De bocejar,

Roseta —Oh!

Leonce — Ah, Rosetta, cabe-me o pesado trabalho

Roseta—De... ?

Leonce—Nada fazer..

Roseta—Senão amar.

Leonce — Trabalho, é verdade!

Roseta (Melindrada.) —Leonce!

Leonce—Ou ocupação.

Roseta —Ou ócio.

Leonce:—Como sempre, tens razão. És uma moça inteligente e eu admiro tua perspicácia.

Roseta—Então me amas por tédio?

Leonce—Não, tenho tédio porque te amo. Mas amo meu tédio como a ti. Sois a mesma coisa. O doce farniente! Sonho com teus olhos como se fossem profundas, maravilhosas e misteriosas fontes; a carícia de teus lábios me adormece como o murmúrio das fontes. (Abraça-a.) Vem, ó doce tédio, teus beijos são um bocejo desejável e teus passos um hiato gracioso.

Roseta—Tu me amas, Leonce?

Leonce — E por que não?

Roseta— Sempre?

Leonce — É uma palavra comprida: sempre! E se eu te amasse cinco mil anos e sete meses, bastaria? Na verdade, é menos que sempre. Ainda assim é um tempo considerável, dando-nos tempo para nos amarmos.

Roseta —Ou o tempo pode tirar-nos o amor.

Leonce— Ou o amor tirar-nos o tempo. Dança, Rosetta, dança para que o tempo ande ao compasso de teus lindos pezinhos.

Roseta — Meus pezinhos gostariam mais de sair do tempo. (Dança e canta.)

Oh, queridos pezinhos, dançais.

Nos sapatos coloridos.

Preferireis, no entanto,

Descansar no fundo chão.

Oh, quentes faces corais

Em carícias selvagens,

Preferíeis florescer

Em duas brancas rosas.

Oh, pobres olhos, brilhais

A luz das velas,

Preferíeis adormecer

No escuro vossas dores.

Leonce (Enquanto isso, sonhador.) — Oh, um amor agonizante é mais lindo do que aquele que principia. Sou um romano; durante a opípara refeição, a sobremesa, os peixes dourados brincam em suas cores mortais. Como o rubor falece em suas faces; como seus olhos se apagam em silêncio; como o vogar de seus membros cresce e cai suave! Adeus, adeus. meu amor, quero amar o teu cadáver. (Rosetta torna a aproximar-se dele.) Lágrimas, Rosetta? Um delicado epicurismo...poder chorar. Põe-te ao sol, para que as preciosas gotas se cristalizem: tornar-se-ão

maravilhosos diamantes. Poderás transformá-los num colar.

Roseta—São mesmo diamantes. cortam-me os olhos Oh, Leonce! (Quer abraçá-lo.)

Leonce — (cuidado! Minha cabeça! Enterrei nela nosso amor. Olha dentro da janela de meus olhos. Estás vendo como o pobrezinho está lindamente morto? Estás vendo as duas rosas brancas em suas faces e as duas vermelhas em seu peito? Não esbarre, para que seu bracinho não se quebre; que pena seria! Devo manter a cabeça reta sobre os ombros, como uma carpideira carregando um caixão de criança.

Roseta (Jocosos.) —Doido!

Leonce —Rosetta! (Rosetta faz-lhe uma careta.) Graças a Deus! (Fecha os olhos.)

Roseta (Assustada.) — Leonce, olha para mim!

Leonce —Por nenhum preço!

Roseta — Um só olhar!

Leonce— Nenhum! Não sabes? Mais um pouquinho e meu amor tornaria ao mundo. Alegro-me por tê-lo enterrado. Guardo sua impressão.

Roseta (Afasta-se triste e vagarosa, cantando enquanto sai.)

Sou uma pobre órfã.

Temo assim sozinha.

Oh, cara tristeza

Não vens me visitar"

Leonce (Só.) — Coisa curiosa, o amor. Durante um ano ficamos adormecidos na cama. Uma bela manhã acordamos, tomamos um copo d'água nos vestimos, passamos a mão sobre a testa e caímos em nos .. e caímos em nós. Meu Deus, quantas mulheres nos serão necessárias para cantarmos toda a escala do amor. para cima e para baixo? Não existe quase nenhuma que preencha um tom. Por que o nevoeiro é um prisma sobre nossa terra. quebrando o branco raio brilhante do amor? (Bebe.) Em que garrafa estará o vinho com o qual me embebedarei? Será que nem isso consigo fazer mais? Estou como debaixo de uma máquina pneumática. O ar tão cortante e rarefeito que tenho frio, como se patinasse com calções de seda. Meus senhores, meus senhores, sabeis como eram Nero e Calígula? Eu sei. Vamos, Leonce, dize um monólogo, eu te ouvirei. Minha vida boceja para mim como uma grande folha de papel branco que devo encher do palavras. Mas não consigo produzir uma só letra. Minha cabeça é um salão de festas vazio, algumas rosas murchas e fitas amarfanhadas pelo chão, violinos rachados a um canto, os últimos pares tiraram as máscaras e se entreolham com os olhos mortos de sono. Diariamente reviro-me vinte e quatro vezes, como uma luva. Oh, eu me conheço, eu sei o que vou pensar, o que vou sonhar dentro de um quarto de hora, de oito dias, de um ano. Deus, que crime cometi para que tu me faças repetir tantas vezes a lição, como se eu fosse um escolar?. Bravo, Leonce! Bravo! (Aplauda.) Fez-me muito bem, chamar-me assim. Ei, Leonce! Leonce!

Valério (aparecendo de sob uma mesa.)— Vossa Alteza parece-me estar no melhor caminho de tornar-se um louco.

Leonce—E...Olhando as coisas à luz do dia parece-me que é isto mesmo.

Valério—Especial. Logo logo iremos conversar sobre isso mais detalhadamente! Falta-me devorar apenas mais um pedaço de carne assada, que furti na cozinha e beber o vinho, que roubei de vossa mesa. Já estou terminando.

Leonce—Isso me dá apetite. O sujeito inspira-me sensações inteiramente idílicas: eu poderia recomeçar com as coisas mais simples, comer queijo, beber cerveja e fumar tabaco. Continua, pára de grunhir com tua tromba; e de castanholar com teu

focinho.

Valério—Preciosíssimo Adonis, temei por vossas coxas? Ficai tranqüilo, não sou nem vassoureiro, nem mestre escola: não colho varinhas.

Leonce—Nada deixas sem resposta.

Valério—Gostaria que o mesmo acontecesse com meu Senhor.

Leonce —Dizes isto por te faltarem pancadas? Temes por tua educação?

Valério—Oh, céus, é mais fácil sermos concebidos que educados. São tristes as condições pelas quais os outros nos fazem ficar naquelas condições! Que meses vivi, quando minha mãe entrava em seus meses! Quanta coisa boa recebi, que possa agradecer à minha recepção?

Leonce — No que se refere à sua recepção, ela não poderia atingir nada melhor do que ser atingida. Expressa-te melhor, senão terás a mais desagradável impressão da minha expressão.

Valério—Quando minha mãe navegava pelo cabo da Boa Esperança.

Leonce—E teu pai naufragava no cabo Corno...

Valério — Isso mesmo, pois que era guarda noturno. No entanto, não punha o corno na boca tantas vezes quantas os pais de nobres filhos o põem sobre a testa.

Leonce — Tu tens uma sem-vergonhice divina. Sinto uma certa necessidade de entrar em maior contato contigo. Tenho a paixão de te bater.

Valério— E uma resposta que me bate e uma prova ponderável.

Leonce (Parte sobre ele.) — Ou tu és uma resposta batida, pois que serás batido por tua resposta.

Valério (Foge, Leonce tropeça e cai.) — Sois uma prova que ainda está para ser provada, pois que tropeça em suas próprias pernas que, examinadas a fundo, ainda devem ser provadas. São barrigas de pernas bastante improváveis e coxas bastante problemáticas.

(Entra em cena o Conselho do Estado. Leonce fica sentado /20 chão. Valério.)

Presidente — Perdoai, Alteza..

Leonce— Como a mim mesmo! Como a mim mesmo! Perdô-me a bondade de vos ouvir. Meus Senhores, não desejais sentar-vos? As caras que as pessoas fazem quando ouvem a palavra "sentar"! Sentai-vos no chão, não façais cerimônia! Pois o chão não é o último lugar que alcançareis? E ainda assim, não rende nada a ninguém .. a não ser ao coveiro.

Presidente (Solene, estalando os dedos.) — Se Vossa Alteza permite .

Leonce — Mas parai de estalar os dedos, se não quiserdes fazer de mim um assassino!

Presidente (Estalando ainda mais os dedos.) — ... ter a bondade de considerar...

Leonce — Meu Deus, colocai as mãos nos bolsos, ou sentai em cima! Ele está completamente fora de si. Vamos, controlai-vos f !

Valério—Não se deve interromper as crianças enquanto e.. Podem ficar desarranjadas.

Leonce — Vamos, controlai-vos! Pensai em vossa família e no Estado. Arriscais uma apoplexia se engolirdes vossa fala.

Presidente (Puxa um papel do bolso) — Permita. Vossa Alteza...

Leonce — O que ? Já sabeis ler? Pois então...

Presidente — ... preveni-lo da chegada iminente da noiva de Vossa Alteza, Sua Sereníssima Princesa Lena de pipi, para a qual deveis vos preparar amanhã. É disso que Sua Majestade Real vos faz informar.

Leonce—Se minha noiva me espera, far-lhe-ei a vontade, deixando-a esperar por mim. Ontem à noite a vi em sonhos: tinha um par de olhos tão grandes que as sapatilhas de dança de minha Rosetta servir-lhe-iam de sobancelhas e nas faces não tinha covinhas, mas sim fossas para o riso. Acredito em sonhos. Também sonhais, às vezes, Senhor Presidente? Também tendes premonições?

Valério — É compreensível. Sempre durante a noite que precede a um assado que queima, a um capado que estica as canelas e a uma dor lombar de Sua Majestade Real.

Leonce—Por falar nisso, nada mais estava na ponta de vossa língua? Vamos, tudo para fora.

Presidente—No dia das bodas será expresso um alto desejo, qual seja o de colocar nas mãos de Vossa Alteza as mais altas expressões de vontade.

Leonce — Dizei ao alto desejo que farei tudo, exceto aquilo que deixar de fazer o que, por sua vez, não será tanto quanto seria se o fosse mais uma vez. Meus Senhores; desculpai-me se não vos acompanho, pois tenho desejo de ficar sentado; no entanto, o meu reconhecimento é tão grande que mal posso medi-lo com as pernas. (Estica as pernas bem separadas.) Senhor Presidente, tende a bondade de tomar a medida para que, mais tarde, possais lembrar-me dela. Valério, acompanha os cavalheiros.

Valério—Acompanhar, com sinos? Devo colocar um sino no pescoço do Senhor Presidente ? Devo acompanhá-los como se andassem de quatro?

Leonce—Nada mais és que um mau trocadilho. Não tens pai, nem mãe; só tens as cinco vogais que te conceberam.

Valério— E vós, Príncipe, sois um livro sem letras cheio apenas de reticências. Vinde agora, meus Senhores. E um verbo triste, esse vir. Para que venha o lucro é preciso roubar; a prosperidade só vem se somos enforcados; vem a guarida quando estamos enterrados, assim como vem o desemprego, com a anedota a qualquer momento quando nada mais temos que dizer, como eu agora ou como vós, antes de haverdes dito qualquer coisa. Vós vindos de encontrar vossa despedida e vossa saída vem de ser agora solicitada.

(Saem o Conselho de Estado e Valério.)

Leonce (Só.) — Que juiz cruel foi para êsses pobres diabos! No entanto, existe um certo prazer em certa crueldade. Hum! Casar! Ou seja. beber um poço até que esteja vazio. Oh, Shandy, velho Shandy, quem me dará o seu relógio?(Valério volta.) Ah, Valério ouviste?

Valério — Então. deveis tornar-vos rei. Que coisa divertida. A gente pode passear o dia inteiro e estragar o chapéu das pessoas que o tem que tirar tantas vezes; de homens corretos a gente pode fazer soldados corretos, para que tudo se torne natural; fraques negros e gravatas brancas podem ser feitos servidores do Estado; e quando n gente morrer, os botões brancos tornar-se-ão azuis e as cordas dos sinos romper-se-ão como barbantes de tanto tocar. Não é divertido ?

Leonce—Valério! Valério! Temos que fazer outra coisa. Adivinha!

Valério — Ah, a ciência, a ciência! Tornar-nos-emos sábios! A priori? Ou a posteriori?

Leonce—A priori deverá ser aprendido com o senhor meu pai: e, a posteriori, tudo começa como num velho conto de fadas: era uma vez!

Valério — Pois então nos tornaremos heróis! (Marcha de um lado para outro, tocando trombeta e tambor.) Trom... trom... plére plém!

Leonce—Mas o heroísmo fede e fica febril e não pode viver sem tenentes e recrutas. Ao diabo com teu romantismo alexandrino e napoleônico!

Valério — Pois então nos tornaremos gênios

Leonce—O rouxinol da poesia voeja o dia inteiro sobre nossas cabeças, mas o que há de mais delicado vai para o inferno, até que nós lhe arranquemos as penas para as mergulharmos nas tintas e nas cores.

Valério --- Pois então nós nos tornaremos cidadãos úteis à coletividade humana.

Leonce — Prefiro demissionar de minha condição humana.

Valério —Pois então vamos para o inferno!

Leonce—Ora, o diabo só existe por causa do contraste, para que compreendamos que existe mesmo alguma coisa nos céus. (Saltando a seus pés.) Ah, Valério, Valério, agora sei! Não estás sentindo o vento sul? Não sentes vogar o éter azul-marinho e ardente; como a luz relampeja do solo dourado e ensolarado, da sagrada torrente salgada e das colunas de marmóreos corpos? O grande Pã dorme e as figuras de antanho sonham nas sombras sobre as rumorejantes ondas do velho mago Virgílio, de tarantelas e pandeiros de noites profundas e loucas, cheias de máscaras, archotes e guitarras. Um lazzarone! Valério, um lazzarone! Nós vamos para a Itália.

Cena IV

UM JARDIM

(A Princesa Lena portando ornamentos de noiva. A Governanta.)

Lena —Sim, agora! Está aí. Passava o tempo pensando em nada. Ele passava. E, de repente, o dia está diante de mim. Tenho a coroa de flores nos cabelos. . e os sinos, os sinos! (Recosta-se e fecha os olhos.) Vê, eu queria que a grama crescesse ao meu redor, que as abelhas zumbissem ao meu redor. Vê, agora estou vestida e tenho rosmaninho nos cabelos. Não existe uma velha canção:

Quero deitar-me no campo santo
Como criança em seu berço.

Governanta — Pobre criança, como estás pálida sob as pedras brilhantes!

Lena—Oh, meu Deus, eu poderia amar, por que não? Andamos tão solitárias, tateando por U't! mão que nos segure, até que a carpideira separe as mãos, para cruzá-las sobre o peito de cada um. Mas por que martelar um prego por duas mãos que não se procuravam? O que fez minha pobre mão? (Tira um anel do dedo.) Este anel fere-me como a picada de uma víbora.

Governanta — Mas... dizem que é um verdadeiro Apolo!

Lena— Sim, mas.. é um homem...

Governanta—E então?

Lena—Que não amo. (Ergue-se.) Oh, não vês que estou envergonhada. Amanhã todo o aroma e todo o brilho estarão riscados de mim. Serei eu como a pobre fonte, obrigaria a refletir a imagem de todos aqueles que se inclinam sobre seu fundo silencioso? As flores abrem e fecham as pétalas ao sol da manhã e ao vento da tarde, segundo sua vontade. A filha do Rei seria menos do que uma flor?

Governanta—(Chorando.) Meu anjinho, és mesmo uma ovelha levada ao sacrifício.

Lena—É, e o sacerdote já está erguendo o punhal. Meu Deus, meu Deus, será verdade que a nós cabe nos redirmos de nossa dor', Será verdade que o mundo é uma salvação crucificada, tendo o sol como sua coroa de espinhos, as estrelas

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

